



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO, DE 2023 - 21H00



“A Severa”, de Leitão de Barros (1931)

Realização: Leitão de Barros, Diálogos: Júlio Dantas a partir da sua obra homónima, Direcção de Fotografia: Salazar Diniz, Cenários: Guilherme Gomes, Música: Frederico de Freitas; Música das canções: Frederico de Freitas, Letras das canções: Júlio Dantas, Som: Waldemar Most

Com Dina Teresa (Severa), António Luís Lopes (D. João, conde de Marialva), António de Almeida Lavradio (D. José), Ribeiro Lopes (Custódia), Silvestre Alegirim (Timpanas), António Fagim (Romão), Costinha (Marquês de Seide), Patrício Álvares (Diogo), Eduardo Dores (cigano), Maria Sampaio (Marquesa de Seide), Maria Isabel (Chica), Regina Montenegro (modista francesa), Mariana Alves (fadista), Paradela d'Oliveira (fadista), Oliveira Martins, Tomás de Sousa, Luísa Durão, Perpétua dos Santos, Clotilde de Matos, Fernando Dinis

Duração: 96 minutos

Estreia: São Luiz a 17 de Junho de 1931.





Sugestão Tradicional

“A Severa” não é uma obra histórica: é um filme de sugestão tradicional. O conde de Marialva da peça, decalcado sobre a tradição romantizada da figura do conde de Vimioso, nunca teve as pretensões dum vigoroso retrato, nem na obra escrita ou representada de Júlio Dantas nem no filme que eu ergui. A Severa, que tem como biografia autêntica três linhas que a dão como uma cantadeira meretriz, bexigosa, e que morreu duma indigestão de borrachos, também não tem na figura de Júlio Dantas, a preocupação duma reprodução literal.

O Custódia, o Timpanas e o Romão são tipos admiráveis de evocação, mas não são personagens da história, averiguados ou copiados; todos eles saíram da pena desse cronista maravilhoso do passado que é Júlio Dantas; mas não foram a obra dum pesquisador historiógrafo.

O galã da Severa teria de ter barbas até ao estômago; a vedeta cigana tinha de ser bexigosa, a infanta D. Ana de Jesus Maria, coxa e hemiplégica.

Assim seria a história e assim se faria um filme para todos os ratões de biblioteca, e ainda depois disso apareceriam outros ratões a achar a falta de outros rigores...

a falta de outros rigores...

O que tem (a corrida), estou disso convencido, é, em si, poder de convicção capaz de excitar e de interessar os milhões de estrangeiros que esperam da minha tourada uma obra que lhes levasse, a par do brilho, do carácter e do pitoresco do grande arraial de valentia, a emoção dum espectáculo dramático.

Leitão de Barros

UMA VITÓRIA

«A Severa» é um filme encantador, cheio de poesia e de pitoresco. Tem defeitos? Certamente, mas tem tantos merecimentos, tantos, tantos, que esses defeitos são rapidamente esquecidos.

Mas voltemos ao filme. O começo é para mim uma das mais belas passagens de toda a obra. Aquela carroça que se arrasta tristemente pela estrada fora, aqueles cavaleiros garbosos que correm pelas campinas em soberbas montadas, guiando o gado, entre nuvens de poeira que brilha sob os raios do sol e aquelas lindíssimas paisagens ribatejanas, são trechos magníficos que nos extasiam e encantam os sentidos. (Nestas cenas a fotografia é simplesmente primorosa.)



Estas cenas de abertura, que começam desenvolvendo-se num «andante» melancólico, são momentos que nunca mais se esquecem. Depois todo o filme é uma sucessão de quadros que nos prendem, que nos seduzem; e uma «suite» magistral de costumes, de trajos, de danças e de cantos populares, intercalada de quando em quando por um rápido golpe de vista sobre a aristocracia de então.

“A Severa” não é um filme perfeito, concordo. Tem algumas quebras de continuidade e defeitos de sincronização; mas ao vermos tantos quadros, dum tão grande pitoresco e de tanta beleza e poesia, desfilando diante de nós em cortejo interminável, todos esses defeitos nos parecem insignificantes... quando os não esquecemos por completo...

E, apesar das más vontades que se levantaram, apesar das dificuldades e dos obstáculos que surgiram a cada passo, “A Severa” foi uma vitória para Leitão de Barros e para o cinema português.

Alves Costa



Filmografia de Leitão de Barros

“Mal de Espanha” (1918); “O Homem dos Olhos Tortos” (1918) (inacabado); “Malmequer” (1918); “Sidónio Pais - Proclamação do Presidente da República” (1918) (desaparecido); “Nazaré, Praia de Pescadores” (1929) (perdeu-se a 2ª parte do filme); “Festas da Curia” (1927); “Lisboa, Crónica Anedótica” (1930); “Maria do Mar” (1930); “A Severa” (1931); “Rapsódia Portuguesa” (1933); “As Pupilas do Senhor Reitor” (1935); “Bocage” (1936); “As Três Graças” (1936); “Maria Papoila” (1937); “Legião Portuguesa” (1937); “Mocidade Portuguesa” (1937); “Varanda dos Rouxinóis” (1939); “A Pesca do Atum” (1939); “Maria da Fonte” (1941); “Ala-Arriba!” (1942); “A Póvoa de Varzim” (1942); “Lisboa e os Problemas do Seu Acesso” (1944); “Inês de Castro” (1944); “Camões” (1946); “Vendaval Maravilhoso” (1949); “Recife” (1949); “A Última Rainha de Portugal - Esquema Biográfico” (1951); “Relíquias Portuguesas no Brasil” (1959); “Comemorações Henriquinas” (1960); “A Ponte da Arrábida Sobre o Rio Douro” (1961); “Escolas de Portugal” (1962) e “A Ponte Salazar Sobre o Rio Tejo” (1966)